

# A sociabilidade de jovens operários

## RESUMO

Tendo como fito a análise da sociabilidade de jovens operários da periferia, apresentam-se alguns achados delineados a partir da realização de trabalho de campo, em que se utiliza a entrevista como instrumento qualitativo de pesquisa. Os testemunhos colhidos nas residências somaram vinte jovens, de 18 a 24 anos de idade, espalhados por sete cidades da região metropolitana de São Paulo, em 2001. Para tematizar o jovem evita-se recortá-lo como um objeto de pesquisa apartado dos liames que conserva com outras instâncias sociais, assim, explorar-se-á suas dimensões familiar, escolar, de lazer, religiosa e trabalho.

**Palavras-chave:** jovem operário; sociabilidade; valor.

### A origem familiar

**N**a sociedade moderna, a família vem se reforçando na função de proteger seus filhos à medida que, progressivamente, ameaças colocam-se presentes nos espaços exteriores (Reboul, 1974: 13). A atitude de crescente proteção à prole acaba por configurar a família como fonte de insulamento (Ariès, 1973: 322), pondo-se como um dos últimos redutos buscados pelos jovens como garantia de seu bem-estar.

A importância da família como esfera de proteção foi percebida entre os jovens investigados. A família foi colocada como a instituição mais proeminente em suas vidas, justamente por ser concebida como um lugar onde, ao lado do convívio diário, são obtidos o apoio, o amparo, um abrigo, o acalento incondicional.

Em relação à comunidade pesquisada, percebeu-se que, majoritariamente, são descendentes de famílias advindas de outros estados, e cerca de um terço dos pais desses jovens é retirante do interior rural. As ocupações paternas vinculam-se, em grande maioria, ao chão de fábrica: operadores de máquinas e torneiros mecânicos. A maior concentração de pais operários, sem o ensino médio, encontra-se entre os originários de outros estados, especialmente da re-

gião nordeste do país. Todavia, quase todos os jovens atingidos pela pesquisa dispunham de ensino médio.

Predominantemente católicos, os pais transmitem para os filhos a importância da fé em suas vidas, embora não com tanta contundência quanto aqueles pertencentes ao pentecostalismo.

### Circunscrevendo o lazer

Tradicionalmente, o lazer é pensado como oposição ao trabalho, por ser concebido enquanto tempo livre. Porém, Magnani (1996) assegura que o lazer não deve ser analisado exclusivamente pelo seu caráter instrumental, individual, passivo, como se fosse uma mera restituição das energias despendidas no processo produtivo. O lazer também é constituído por "um componente afirmativo referido ao estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade" (p. 33), no qual se incluem a família, os amigos e os desconhecidos.

Em termos do cotidiano das pessoas, o espaço de lazer está circunscrito fundamentalmente ao espaço urbano, assegura Marcellino (1996), que o classifica em dois tipos: os equipamentos específicos e os não-específicos de lazer. Entre os primeiros, estão os teatros e cinemas e, entre os últimos,

os próprios lares, bares e escolas.

Na visão desse autor, o crescente adensamento demográfico das grandes metrópoles acabou por propiciar um descompasso em relação ao desenvolvimento de infra-estrutura, sobretudo na região periférica, ocasionando a privação de espaços de lazer para a população.

A carência de equipamentos específicos de lazer, principalmente aqueles de caráter público, foi um dos pontos levantados durante as entrevistas com os jovens. Seja pelo forte valor concedido à família ou pelas escassas condições econômicas, grande parte dos jovens passa seu tempo de lazer nas suas vilas, ao lado da família e amigos. Assim, visitar os amigos da vizinhança e parentes próximos para conversarem e compartilharem as experiências do cotidiano avultou-se como um dos usos mais freqüentes, praticados pelos jovens.

Embora sendo atividades praticadas por alguns jovens, ir a barzinhos, ao cinema, ao shopping, a parques, à dança de salão, usar a internet e mesmo praticar a leitura aconteciam somente entre aqueles cujos proventos eram maiores. Práticas culturais são ausentes entre os jovens nos momentos de folga, sinalizando para a privação de lazer cultural ou cultivado, por sua vez pautado na tradição local e conferindo sentido para a comunidade que o pratica (Lefebvre, 1958).

### Escola e valor moral

No concernente à educação, introjetar a relevância da escola nas vidas desses jovens foi apresentado como uma das principais incumbências de suas famílias. Os pais prezam mais o valor da escola

do que o do próprio trabalho para seus filhos. Com efeito, não obstante a grande consideração ao valor do trabalho pelas famílias, a prática desse valor é menos exigida de seus filhos do que a freqüência à escola.

A escola é também um valor sobreposto ao do matrimônio. Os pais, mesmo aqueles que dispõem de parcos recursos econômicos,

*...a escola é considerada, pelos jovens, não apenas um lugar onde se aprende a leitura, a escrita e operações aritméticas, mas, notadamente, onde se adquirem valores morais que vão constituir e orientar a pessoa durante toda sua vida.*

orientam seus filhos a primeiro concluírem o ensino médio e fazer uma faculdade para depois se casarem.

*A escola está autorizada a ser usada como espaço de lazer, visto que dispõe de ambientes propícios, como auditório, quadras esportivas, pátios e salas, que poderiam ser utilizados, durante seu tempo ocioso, pelo trabalho comunitário.*

Os verbos usados pelos jovens para aludirem às atitudes paternas e maternas a respeito da escola estavam sempre no modo imperativo: tem, deve, precisa. Dessa forma, a idéia de obrigação escolar era passada para os filhos.

Para muito além do valor instrumental de propiciar a entrada

no mercado de trabalho, a escola é considerada, pelos jovens, não apenas um lugar onde se aprende a leitura, a escrita e operações aritméticas, mas, notadamente, onde se adquirem valores morais que vão constituir e orientar a pessoa durante toda sua vida.

O valor disciplina foi aludido como um dos encargos da escola, sobretudo preparando os jovens para a disciplina fabril, por meio do respeito ao horário e a hierarquia, de forma que desde crianças, já vão se habituando a aceitar tal valor moral.

A partir do século XIX, com o desenvolvimento do capitalismo e a extensão da divisão do trabalho, deu-se a universalização de indivíduos que lêem, escrevem e contam, elucida Tragtenberg, (1978: 15) e, desde então, a educação tem assumido o papel de "fábrica de homens utilizáveis e adaptáveis". Conforme o autor, a maior preocupação da educação formal passou a ser a de formar indivíduos moldados ao trabalho, adaptação alcançada por intermédio, principalmente, do que ele classifica de "socialização à subordinação", ou seja, "transmissão ao jovem de valores compatíveis com o seu futuro papel de subordinado" (idem, p. 29). Dessa forma, a escola, enquanto um aparelho ideológico, torna-se uma das esferas de reprodução das relações de produção (Oliveira, 1995: 135).

#### Uso alternativo da escola

Conquanto os jovens concebiam a esfera escolar como uma das mais proeminentes na transmissão de conhecimento e valores, seu espaço físico é preferencialmente utilizado como um lugar de lazer. Na escola e na faculdade, a atividade preferida é rever e conversar com os colegas. Nos círculos de conversas, os temas são experiências profissionais, familiares, cotidianas, exercício do canto,

conquista de paqueras e namoros.

Tratando-se de jovens de baixo poder aquisitivo, o fato de despontar a predileção pelo uso da escola como espaço de lazer mostra, de certa forma, a carência de espaços culturais no país, sobremaneira aqueles oferecidos pelo governo.

A escola está autorizada a ser usada como espaço de lazer, visto que dispõe de ambientes propícios, como auditório, quadras esportivas, pátios e salas, que poderiam ser utilizados, durante seu tempo ocioso, pelo trabalho comunitário. Atividades nesse sentido estabeleceriam um vínculo, ao mesmo tempo em que trariam uma relação de deferência entre a comunidade e o referido espaço, salienta Marcellino (1996).

Muito provavelmente, o rendimento dos discentes e a relação professor-aluno obteriam mais êxito se a escola fosse concebida como espaço de aprendizagem formal durante as aulas e de lazer fora das aulas.

A maioria desses jovens estudava quando começou a trabalhar. Dividir o tempo e a dedicação entre trabalho e estudo foi uma de suas maiores lamentações. O esgotamento físico e o sono eram, com freqüência, apontados como obstáculos acentuados no seu desempenho acadêmico. Alguns, inclusive, tiveram de abandonar mais de uma faculdade alegando a fadiga do corpo.

O uso alternativo da escola como lazer pode ser compreendido de três formas: crítica dos jovens alunos em relação à maneira rotineira com que o conteúdo programático lhes é transmitido, crítica à condição intensa de trabalho à qual têm de se submeter para sobreviver e crítica à própria exigüidade de espaços públicos de lazer próximo às suas vilas.

#### A relação com o sagrado

São basicamente duas as es-  
colhas religiosas dos jovens per-  
quiridos: católica e pentecostal. A  
maior parte dos jovens pentecos-  
tais dispõe de condições socioe-  
conômicas mais frágeis, sendo to-  
dos eles praticantes. São justamen-  
te os pais desses jovens de menor  
recursos econômicos, vindos da  
região nordeste do país, que se  
mostraram mais suscetíveis à assi-  
milação da doutrina pentecostal.  
Conforme Weber (1964: 389), os  
indivíduos com menos recursos  
econômicos são mais propensos a  
aderirem a religiões de caráter  
mais mágico e vinculado à idéia  
de salvação.

Os católicos não praticantes  
consideram-se católicos por força  
da cultura; seus pais são católicos  
e eles, por decorrência, também se  
intitulam dessa forma. Já os cató-  
licos praticantes manifestam forte  
participação em atividades de gru-  
pos de jovens.

Alex, um dos jovens entrevis-  
tados, participa dos encontros de  
jovens alegando ser insuficiente  
dispor apenas da crença religiosa.  
Considera lacônica demais uma  
vida religiosa que se limite a uma  
ligação apenas abstrata com os  
problemas humanos. Por esse mo-  
tivo, passou a atuar nos grupos de  
jovens, apoiando financeiramente  
ou passando a mensagem divina  
àqueles drogados, alcoólatras e  
aidéticos, levando consolo aos que  
sofrem por problemas familiares.

A incumbência da religião ten-  
tando trazer certo conforto aos in-  
divíduos que se mostrem pertur-  
bados é ostentada como se tives-  
se papel de relaxamento: é recur-  
so terapêutico bastante funcional  
e adequado àqueles cujas condi-  
ções econômicas são parcas.

Em sua investigação, Cabanes  
(2002) identificou essa mesma  
função de terapia religiosa sobre  
os indivíduos. Em uma das biogra-  
fias que registrou, foi-lhe testemu-  
nhado que a associação de ser-

mões aos cantos produz uma es-  
pécie de intimidade coletiva, oca-  
sionando o relaxamento das pes-  
soas, que acabam se evadindo dos  
problemas cotidianos.

Essa atuação terapêutica da re-  
ligião sobre seus adeptos não se  
restringe apenas à dimensão indi-  
vidual; também atinge a esfera  
social, ao neutralizar atitudes po-  
tencialmente propícias à revolta,  
à violência ou ao crime. Trata-se  
da contribuição religiosa para a  
manutenção da ordem social, sen-  
do portanto, uma função não sim-  
plesmente psicológica, mas, fun-  
damentalmente, política.

Além das orações e palestras  
nos encontros dos quais o jovem  
Alex participa, também há brinca-  
deiras, festas, shows, viagens. Tais  
espaços de lazer dedicados às fes-  
tividades colocaram-se como bas-  
tante atraentes para os jovens.  
Dessa forma, eles acabam por fa-  
zer um uso profano da própria  
doutrina religiosa, seja ela católi-  
ca ou pentecostal. Acima do sig-  
nificado que a religião apresenta,  
ficou patente a proeminência con-  
cedida aos espaços de sociabilida-  
de alcançados pela via da organi-  
zação religiosa (Marcellino, 1996).  
Partindo do pressuposto que reli-  
gião pertence à esfera do sagrado  
e lazer, à do profano, na medida  
em que as necessidades de lazer  
dos jovens são abrandadas pela re-  
ligião, na prática, eles acabam por  
profanar o próprio significado do  
sagrado em suas vidas.

### **O casamento da religião com o trabalho**

A atitude de recorrer à religião  
para mitigar problemas, seja a ca-  
rência de espaços de sociabilida-  
de, sejam os desequilíbrios de or-  
dem individual, acaba servindo  
como válvula de escape que im-  
pede a explosão de conflitos soci-  
ais.

Vivendo profundos desencon-  
tros com a ocupação que exercem

e o ambiente de trabalho em que  
atuam, alguns jovens buscam ate-  
nuar sua revolta, participando da  
religiosidade. Assim, esta desem-  
penha o papel de minimizadora de  
confrontos potenciais, ou seja,  
apresenta-se como sustentáculo da  
própria exploração que os jovens  
sofrem na vida cotidiana. A dedi-  
cação à causa divina, mediante aju-  
da às pessoas desorientadas, tor-  
na-os mais tolerantes para com os  
desatinos que têm de enfrentar no  
seu trabalho, especialmente no di-  
vórcio enfrentado entre a ocupa-  
ção exercida e a aspirada.

O testemunho de Emílio, jo-  
vem pentecostal, é emblemático  
no que se refere à relação traba-  
lho-religião. De sua narração irra-  
diaram-se alguns achados do ca-  
samento harmônico entre a ideo-  
logia do trabalho e a fé cristã.

Relatando os impasses vividos  
no trabalho, enfatiza que a princi-  
pal injúria está no fato de exercer o  
serviço de torneiro mecânico, mas  
continuar com registro e remune-  
ração de ajudante de produção, o  
que acarreta um descompasso  
oneroso entre responsabilidade e  
retorno econômico e profissional,  
representado por responsabilidade  
aumentada e benefícios estagna-  
dos. Apesar da injúria, sua reação  
é a mais pacífica possível, haja vis-  
ta a domesticação religiosa que o  
envolve. Sua motivação para tra-  
balhar e aceitar o lugar e as condi-  
ções de trabalho que ocupa é bú-  
sca e autorizada pela vontade di-  
vina.

Trazendo à luz o pensamento  
de Weber (1967), vê-se que con-  
ceber o trabalho em si mesmo en-  
quanto algo transcendental, uma  
destinação divina aos indivíduos,  
ancora-se na ética do protestan-  
tismo. Lutero considerou que a  
vocação profissional e as diferen-  
ciações dos indivíduos em cama-  
das sociais são conseqüências di-  
retas da vontade divina (p. 114).  
Essa postura é um elogio à ma-

nutenção das estruturas socioeconômicas existentes. Uma vez predestinados pela divina Providência a ocupar um lugar no trabalho, os indivíduos devem nele permanecer, sem lutar pela mobilidade social, restringindo suas aspirações às suas condições de vida (p. 57).

Indagado acerca da satisfação que sua ocupação lhe propicia, o jovem Emílio recorre novamente ao plano sagrado, vinculando sua satisfação profissional ao fato de ser uma escolha sobrenatural que ele deve aceitar sem contestação.

Chegado o fim do seu testemunho, o jovem narrou a história do nascimento do trabalho, na perspectiva da doutrina pentecostal. Nela o trabalho apareceu como punição divina, sendo o preço que se tem de pagar na terra para, após a morte, ganhar o reino dos céus - essa é a substância da ética protestante. Visando atingir a autoconfiança na salvação "uma intensa atividade profissional era recomendada, como o meio mais adequado. Ela, e apenas ela, afugenta as dúvidas religiosas e dá a certeza da graça" (Weber, 1967, p. 77).

Dispondo da convicção de que o trabalho é um encargo divino apazigua os ânimos do trabalhador pentecostal, tornando-o mais produtivo, porque resignado com o seu destino.

Na ótica de Cabanes (2002), o trabalhador age como quem tem uma dívida de vida que deve ser paga com o trabalho, por sua vez endereçada não à sua existência, mediatizada pelos padrões, mas à existência em si, à natureza. Comungando com a perspectiva weberiana, acredita-se que essa dívida vai além da natureza e atinge um sentido sagrado. O trabalho vem como dívida porque é visto não simplesmente como algo natural, mas, sobretudo, divino.

### Considerações Finais

O valor do trabalho consiste em um dos aspectos fortemente prezado pelos pais desses jovens e insistentemente transmitido como um princípio que deve ser seguido, uma vez que por intermédio dele o indivíduo alcança o direito de ser chamado de cidadão. Assistir cotidianamente à construção e reforço do valor do trabalho torna-o naturalizado entre os jovens, a ponto de ser considerado uma obrigação, assegura Dauster (1992).

Todavia, esse valor não se reduz ao campo do exercício do trabalho em si; ele se expande para outras esferas, orientando os comportamentos dos indivíduos que, ao despender seu tempo no trabalho, deixam de direcionar suas ações para atividades como drogas, intrigas e violências. Nesse sentido, o valor do trabalho, assim como o da religião, atua como regulador das relações sociais, trazendo uma certa pacificação para a sociedade.

O ambiente de trabalho fornece aos indivíduos a possibilidade de desenvolverem um espaço de socialização, no qual a convivência social com diferentes pessoas lhes traga mais oportunidades de ampliar os seus contatos, diversifiquem suas opções de lazer e, sobretudo, quebrem a monotonia que as relações domésticas apresentam.

Dessa sociabilidade elabora-se o sentido para a vida desses jovens no estar trabalhando. Para além das relações que são cultivadas no ambiente fabril, o valor de sentir-se útil para o mundo atesta o sentido do bem-estar dentro da fábrica e o do mal-estar em sair de férias, já que os espaços de lazer de que dispõem são diminutos.

A socialização vivenciada no trabalho imprime no indivíduo a marca de trabalhador, que o liberta da nulidade e o transforma em pessoa, dotando-o de um papel que lhe traz o respeito dos outros e pertencimento a um meio social valorizado e legitimado moralmente.

*O valor do trabalho consiste em um dos aspectos fortemente prezado pelos pais desses jovens e insistentemente transmitido como um princípio que deve ser seguido, uma vez que por intermédio dele o indivíduo alcança o direito de ser chamado de cidadão.*

### Autora:

\* Doutoranda em Sociologia - USP.

### Bibliografia

- ARIÈS, Philippe. A criança e a vida familiar no antigo regime. Lisboa: Seuil, 1973.
- CABANES, Robert. Travail, famille et mondialisation: récits de la vie ouvrière, São Paulo, Brésil. Paris: IRD/Karthala, 2002.
- DAUSTER, Tania. "Uma infância de curta duração: trabalho e escola". Cadernos de Pesquisa. São Paulo, 1992, n. 82, p. 31-36, ago.
- DUBAR, Claude. La socialisation. Paris: Armand Colin, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. "Travail et loisir dans la vie quotidienne" In: \_\_\_\_\_. Critique de la Vie Cotidienne. Paris: L'Arche Editeur, 1958.
- MAGNANI, José G. C. & TORRES, L. L. (org.) "Quando o campo é a cidade" In: \_\_\_\_\_. Na metrópole: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 15-48.
- MARCELLINO, Nelson C. Estudos do Lazer: uma introdução. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- MARTINS, Heloisa H. T. de S. "O jovem no mercado de trabalho". Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Anped, 1997, nº 5, mai/jun/jul/ago; nº 6, set/out/nov/dez, p. 76-95.
- Oliveira, Newton R. "A escola, esse mundo estranho" In: Bruno Pucci (org.) Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na escola de Frankfurt. Petrópolis: Vozes/São Carlos: UFSCar, 1995.
- PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- PIERUCCI, Antônio F. & PRANDI, Reginaldo. A realidade social das religiões no Brasil. Religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.
- REBOUL, Olivier. "A educação" In: Filosofia da educação. São Paulo: Nacional, 1974, p. 7-25.
- TRAGTENBERG, Maurício. "Escola como organização complexa" In: Walter E. Garcia (org.) Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1978, p. 15-29.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1967.
- \_\_\_\_\_. "Tipos de comunidade religiosa (sociologia de la religión)" In: \_\_\_\_\_. Economía y sociedad - esbozo de sociología comprensiva I. México: Fondo de Cultura Económica, 1964, p. 328-492.